

Não somos espectadores

OZIREZ SILVA

* 1 JAN 1989

Apenas 11 anos nos separam agora do século XXI e, ao analisar nosso país, sob qualquer ângulo, o cidadão brasileiro, perplexo, pergunta: qual será o nosso futuro e o que dele se pode esperar?

Neste ano que se finda, mais uma vez vemos se acentuar o fenômeno da disseminação e do processamento das informações com imensas repercussões para as nações e seus cidadãos. Hoje sabemos, mais e rapidamente, tudo o que está ocorrendo. Basicamente o indivíduo está mais bem informado hoje — ele é menos um cidadão nacional, vivendo as coisas no seu raio de visão, e mais um cidadão do Mundo, sabendo ao vivo da catástrofe da Armênia à última tendência da moda internacional.

Como fato, observa-se que só uns poucos países estão se mostrando capazes de usufruir do real impacto deste século: a revolução da inteligência. Infelizmente, a maioria dos países está sendo segregada do mundo ágil, dinâmico e volátil que se criou. A razão é surpreendentemente simples e está centrada na incapacidade dos Estados periféricos em preparar os cérebros dos seus súditos e moldar suas sociedades, para vencer os desafios claros que se tem de enfrentar, não somente em nível nacional como mundial.

Se, de um lado, o homem moderno tem razão de sobra para se orgulhar com o que conseguiu em progresso e bem-estar material, também há motivos para se preocupar com visíveis e dramáticos desequilíbrios regionais.

Barbara Tuchman, em seu notável livro "A marcha da insensatez", diz em certo momento:

"Uma visão bitolada, levando a se auto-enganar,

é um fator que desempenha grande significado nos

Governos. Faz com que as decisões sejam apenas

obedientes aos desejos e aspirações pessoais,

sem que o governante aja de acordo com os fatos."

Estas idéias, em um país como o Brasil — onde certamente o Governo exerce influência de grande impacto no nosso dia-a-dia, parecem espelhar e caracterizar as raízes dos problemas, conflitos e contrastes que nos afligem.

Neste edifício complexo da moderna sociedade humana ficam claras as diferenças marcantes entre os "desenvolvidos" e os "em desenvolvimento", para não dizer os subdesenvolvidos. O Brasil, como os demais países do nosso clube, padece com o fato de que sua população é insuficientemente educada e treinada, embora busque freneticamente espaço para a sobrevivência digna de cada cidadão.

Ao longo dos anos o nosso maior patrimônio, o povo brasileiro, tem se colocado na posição de espectador que, sem participar do espetáculo, parece apenas aspirar que o "mocinho" não morra; não sem ansiedade, que venha algum salvador que nos livre da catástrofe, numa espécie de alheamento, como se não tivéssemos nada com isso. Na realidade, o sucesso e o desenvolvimento do País dependem de nós, de cada um que, mais ou menos, dê sua contribuição. Em outras palavras, somos atores e não somente espectadores do progresso da Nação.

Sem querermos acrescentar mais diagnósticos aos muitos que já existem, creio que neste período — ainda a nos separar do final do século, algumas coisas já são certas:

■ A crescente e contínua globalização da economia;

■ O sensível aumento da sofisticação do consumidor;

■ A redução da vida dos produtos no mercado, determinando uma flexibilização sem precedentes;

■ A valorização da mão-de-obra humana;

■ A internacionalização dos mercados.

No campo político, como já está se acentuando entre nós, o povo — chamado a decidir via voto direto — pensa em optar por conceitos e filosofias exóticas na crença que nossa tenra democracia já tenha fracassado. Ao buscar fórmulas alternativas o cidadão ouve o canto das sereias e caminha, sem testar suficientemente o nosso sistema, para outros comprovadamente ineficazes.

Sem dúvida, o futuro nos mostra um Mundo crescentemente competente, com os homens dedicados a tarefas também crescentemente mais nobres. É neste sentido que deveríamos trabalhar intensamente e preparar nossas populações, com carinho e inteligência, a fim de que elas mesmas possam encontrar soluções para os seus problemas.

É claro que as distorções criadas desde longo tempo dificultam a aplicação das soluções. Todavia, o que se espera das nossas elites é que possam, com competência, seriedade e probidade, exercer o papel importante para o qual a sociedade as preparou e gerenciar as organizações públicas e privadas, dentro dos critérios mínimos de eficiência hoje exigidos por todos.